

escolástico, proposto à maneira duma hipótese ideal para exercitar o espírito, e que deveria ser dedicado ao "homem" que vivesse naquelas esferas imaginárias. Com efeito, que é uma constituição? — Evidentemente, a solução do seguinte problema: Sendo dados a população, a religião, a situação geográfica, as relações políticas, as riquezas, as boas e más qualidades de uma nação; achar as leis que lhe convém."

Foi naturalmente fácil refutar de Maistre, estigmatizando-o como um "reacionário", a olhar para trás, sem compreensão alguma do seu tempo. Também os protestos ulteriores dos filósofos idealistas e dos românticos não lograram contrabalançar de maneira durável as teorias sedutoras da "Aufklaerung". Pois, conforme a própria confissão dum pensador tão profundamente ligado a seu povo e tão apaixonadamente nacional como Dostoiewski, "as idéias de abolição das nações, em nome duma confraternização universal dos homens, de desprezo à pátria como estôrvo à evolução geral" exerceram tão grande influência, que, por longos anos, êle mesmo não conseguiu livrar-se delas. "Apoderaram-se de nossos corações e de nossos espíritos, em nome duma certa generosidade, e o tema nos pareceu majestoso e muito acima do nível dos conceitos então dominantes".

Durante quasi quatro anos, a "tentação" dessa "generosidade" pareceu vencida pelas armas. Porém, mal terminara a guerra mundial e já se erguia de novo para alcançar uma força nova e nunca vista. Das estepes da Rússia, as colunas dos exércitos dos devotos defensores da razão punham-se em movimento afim de conquistar o mundo para a bandeira vermelha. Suas hordas atravessavam os Cárpatos, os Alpes, até mesmo os Apeninos. Seu canto surdo anunciava a abolição das nações, a vitória da igualdade e a confraternização universal dos povos.

E, eis que, dum dia para outro, se reergue aquela força primitiva, que primeiro a Igreja e em seguida a Razão tinham refreado e agora despedaça a grande catedral da universalidade que o espírito humano tinha erigido como uma vasta abóbada por cima dos povos. E' chegado o tempo em que o nacionalismo reclama o domínio sôbre o mundo, para erigir a terceira igreja que deve suceder às igrejas universais da Fé e da Razão. Assim é que, na base da história atual, achamos o mito da Nação, da grande dominadora que mata o monstro engendrado pela Razão, êsse monstro mau como o era o mal primitivo e que se chama o "homem da massa".

* * *

Se a fatalidade, desta vez, não foi procurar num escritório de advocacia o homem que devia realizar a nova igreja, e em vez disso, o tirou de baixo duma ponte, isso concorda perfeitamente com o rigor de estilo com que se esmera a história nas suas grandes transições. Para consumir a revolução racional de outrora, ninguém convira

melhor que Robespierre, o advogado pedante de Arras. Mas a revolução que, em nome do nacionalismo, tinha de derrubar o império da razão, precisava dum homem proveniente do povo, ligado aos impulsos e aos instintos de sua nação — precisava daquele ajudante de pedreiro desempregado, Benito Mussolini, que um policial, no ano de 1902, prendeu como vagabundo, em baixo da grande ponte de Lausanne.

Na inspeção corporal a que foi então submetido o jovem italiano descobriu-se, como único objeto de valor, uma medalha com a efígie de Karl Marx. Mussolini sempre trazia aquele "emblema do pensamento da humanidade" consigo, como um talismã. Era marxista, filho cheio de fé e discípulo da igreja da Razão, do mosteiro do partido socialista, tão naturalmente como, outrora, os homens da revolução racional foram filhos crentes da igreja e saíram das escolas monacais.

No entanto, já como socialista, aprendera Mussolini a repelir a idéia duma humanidade internacional e a opor-lhe a forma particular da nação. "Em cada raça, em cada povo", escrevia êle numa extensa brochura redigida muito tempo antes da guerra, "o movimento dos trabalhadores tem um cunho próprio. Não se pode identificar o que no fundo é diferente, ainda mesmo que uma disciplina quasi militar se afoite a querer realizar uma Internacional efêmera entre operários que não se sentem irmanados".

O ano de 1914 obrigou todos os socialistas a optar entre o nacionalismo e a idéia duma solidariedade que invocava o princípio de humanidade e devia sobreviver a cada conflito entre as nações. Jean Jaurés declarou-se a favor da humanidade e caiu vítima da primeira bala da guerra mundial: Mussolini, pelo contrário, escolheu a nação, abandonou o partido socialista e, no "Popolo d'Italia", seu jornal recentemente fundado, prêgou a participação da Itália no grande prélio dos povos. "Da ponta das baionetas foi que saiu a revolução", escreve êle como lema no cabeço de seu jornal. Seu primeiro artigo de fundo começava pela palavra "Audácia" para terminar com a palavra "guerra".

E, quando, depois da guerra, novos batalhões do internacionalismo descem dos desfiladeiros dos Alpes e marcham pelas ruas de Milão, descobre Mussolini, nas suas dezenas de milhares de fisionomias, o rosto informe da massa, rosto êsse do "último homem" que, segundo a prêgação de Nietzsche, salta pela terra encolhida e "torna tudo pequeno": "Cada qual quer a mesma cousa, cada qual é igual; quem pensa de outra maneira, vai para o manicômio".

Para impedir que aquele rosto do "último homem" passe a ser o da Itália, foi que Mussolini, em março de 1919, se apresentou a um pequeno grupo de antigos soldados combatentes, reunidos num subúrbio de Milão, numa sala da Piazza del Santo Sepolcro, e lhes fez surgir ante a imaginação, graças a suas palavras inflamadas, a imagem